

Zilah Mattos Totta: síntese da educação e do educador*

Zilah Mattos Totta: an example of a great educator

MARIA HELENA MENNA BARRETO ABRAHÃO**



“EU ACREDITEI”

Esse, o lema da grande educadora rio-grandense cuja História de Vida, sem dúvida, representa a síntese da educação e do educador. Acreditar – na educação, no educador, na luta para a construção de uma sociedade alicerçada na humanização das relações e na justiça social, na conquista da valorização do magistério e, especialmente, acreditar no aluno, pois estar em sala de aula era a atividade de que mais gostava, que mais a gratificava – e atuar com coerência foi a característica marcante do modo como Prof^a Zilah estruturou a identidade de educadora.

Falar sobre essa destacada educadora é longe de ser uma tarefa fácil. A grandiosidade da pessoa – de seu caráter, de sua brilhante inteligência, de sua doação plena à causa da educação e do educador e da riquíssima obra por ela realizada – alertam nossa consciência sobre nossa limitação para fazê-lo. Em virtude dessa realidade, a presente História de Vida que construímos¹ está aberta a novas contribuições e complementações.

A História de Vida de Zilah Mattos Totta segue a lógica das categorias extraídas dos elementos de pesquisa e foi por nós agrupada em três eixos: formação, trajetória pessoal/profissional, construção de identidade.

FORMAÇÃO

A formação da Prof^a Zilah contém momentos de formação não-formal, formal e continuada. Foi a quarta de seis filhos, dentre quatro mulheres e dois homens.

* In: ABRAHÃO. M.H.M.B. (Org.). **História e histórias devida** – Destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, 2. ed., 2004, p. 209-252.

** Dr. em Ciências Humanas – Educação. Prof^a Titular, DE, na PUCRS. Diretora da FACED/PUCRS. Pesquisadora 1 CNPq. associada do International Society for Teacher Education – ISTE; da Biography And Society; da Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE e da Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE.
E-mail: maria-helena@uol.com.br

Os primeiros estudos, todos os filhos, inclusive a Profª Zilah, sempre os fizeram em casa, com a mãe que era professora e era quem os alfabetizava. Somente a partir da 3ª série de ensino é que foi estudar no Colégio Sévigné, de Porto Alegre, onde se formou no Curso Complementar, em 1935, equivalente, hoje, ao ensino Normal, de nível médio.

Concomitantemente, Profª Zilah começou a estudar piano com a mãe, em virtude de ela também ser professora de música. Depois, foi aluna de piano da Profª Célia Lassance. Formou-se, em 1939, em Música, no Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

“... ela tinha uma facilidade, algo, assim, espetacular; ela dava vida àquelas músicas; tocou em várias audições de piano, além de tocar a quatro mãos com nossa mãe. Eu me lembro também (eu era pequena) daquelas ‘Marcha Turca’ e ‘Rapsódia Húngara’ que as duas, ao piano, tocavam...”

Dada a sua formação religiosa, participava muito do coral da igreja Menino Deus; tocava órgão e cantava na 2ª voz, muito firme; belíssimo o trabalho dela nos corais! Quando ouço Chopin, aquelas valsas e estudos que ela executava tão bem, me dá uma saudade tremenda!... Ela tocava violão também... tudo o que aparecia, inclusive música popular. A mamãe costumava organizar, lá em casa, aqueles saraus, então havia um amigo que tocava violino, uma prima nossa, Nêmora, que se diplomou em canto, cantava, e a Zilah ao piano. Eram aquelas noitadas em casa que lhe oportunizavam dar vazão à sua criatividade. E, depois, tem uma coisa de que eu estava me lembrando agora: é que a educação que recebemos era muito conservadora... mas ela conseguiu se libertar disso e se projetar. Porque era para ela ficar abafada, porque fomos educadas muito bem, graças a Deus e a nossos pais, mas dentro de um certo conservadorismo.” (Helena Totta Silveira).

Em 1940 concluiu o Curso Superior de Educação Física na Escola Superior de Educação Física – ESEF, da UFRGS, tendo sido aluna da 1ª turma de formandos da ESEF e em 1946 concluiu o Curso de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, ostentando, em seu currículo, três diplomas de curso universitário.

Como referências em sua formação, nessa época, cita a influência que recebeu do Dr. Armando Câmara, do Dr. Ernani Maria Fiori e do Ir. José Otão, educadores de quem foi aluna.²

Desde cedo sempre foi muito religiosa. Participou da Juventude Feminina Católica, da Ação Católica, da qual foi presidente arquidiocesana. Viajava para fazer as reuniões no interior, nas paróquias. Percorreu o Estado em missão

apostólica, desenvolvendo esse trabalho que, para ela, foi muito educativo. Participou de diversos Congressos Eucarísticos, foi oradora em vários deles e depois trabalhou muito com Dom Cláudio Colling, na Cúria, naquele tempo em que Dom Cláudio era assistente eclesiástico. Ela teve um círculo muito grande de relações através da Ação Católica.

“Esta religiosidade Zilah levou até o túmulo, porque ela sempre teve uma fé muito forte, comungava freqüentemente, mantendo aquela convicção religiosa que irradiava, realizando verdadeiro apostolado, mas tudo dentro de uma discrição, vamos dizer assim. Mais do que falar, ela pregou pelo exemplo.

Ela foi uma apóstola do exemplo. Sabia dosar direitinho; parece que havia departamentos na vida dela, naturalmente interligados e a fé foi o que envolveu todo o seu trabalho. Tanto é que essa crença ela a transferiu para todos os setores. Aquele, ‘EU ACREDITEI’ a que ela se referia significava que, além de acreditar em Deus, ela acreditava, também, no ser humano, nos valores, na sociedade, na possibilidade, na educação.” (Helena Totta Silveira).

Começar a lecionar no interior, em uma colônia alemã, foi uma experiência para ela riquíssima, pois era ainda muito jovem. As famílias e os alunos só falavam em Língua Alemã. Havia um intercâmbio. Ela lhes ensinava a Língua Portuguesa e eles lhe ensinavam a falar a Língua Alemã.

Realizou muitas viagens de estudo e para participar em congressos, o que foi elemento de sua formação continuada. Esteve em países da América Latina, da América do Norte, da Europa, da Ásia e da África.

“Zilah detinha muito conhecimento. Além da leitura, que era a paixão dela, ela tinha uma cultura muito bonita a Zilah, e além disto, destes contatos com outros povos viajando assim, e com a capacidade dela tudo crescia, com a facilidade que ela tinha.” (Leda Falcão de Freitas).

TRAJETÓRIA PESSOAL/PROFISSIONAL

Professora Zilah nasceu em Porto Alegre em 30 de outubro de 1917 e faleceu na mesma cidade em 21 de dezembro de 1997, aos 80 anos de idade. Jaz no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia. *Eu acreditei* – seu lema – está gravado na lápide de seu túmulo.

Segundo narrativas de sua irmã e de amigas, colegas e alunas, foi uma pessoa muito feliz e inteiramente dedicada ao magistério, profissão pela qual era apaixonada. Sua maior satisfação era estar com os alunos, em sala de aula.

Educação

Foi, igualmente, excelente administradora que trazia inovações e as implantava nas escolas que dirigia. Uma profissional à frente de seu tempo.

Estudiosa, Zilah Totta introduziu, no âmbito escolar do Estado do Rio Grande do Sul, as idéias de Paulo Freire, talvez por influência de Ernani Maria Fiori, que foi seu professor no curso de Filosofia.

Iniciou o magistério em 1939, como professora primária de classe multisseriada, onde ensinava, concomitantemente, a alunos de 4ª e de 5ª séries daquele nível de ensino, em escola rural de Harmonia, localidade de colonização alemã, jurisdicionada ao município de Montenegro. Para lá chegar, deslocava-se, utilizando transporte de ônibus até São Sebastião do Caí, de lá prosseguia de caíque para atravessar o rio Caí e, finalmente, num percurso de uma hora, a cavalo, para chegar à escola. Esse foi, segundo a própria narrativa, um período em que auferiu uma grande experiência, ponto que destaca como da mais alta importância em sua carreira. Chega a afirmar que todo o professor deve enfrentar uma realidade nova, especialmente em início da carreira docente, como elemento imprescindível de formação. Conta que pela manhã ensinava na escola e à tarde ia com os alunos para as lides na roça para vivenciar a vida deles. Nessa comunidade só se falava o Alemão. Como já registrado, em decorrência das relações interpessoais entre a Profª Zilah e as pessoas da comunidade eles lhe ensinavam a língua que praticavam e ela lhes ensinava nossa língua pátria. Na localidade não havia hotel. Nessa época morou na casa da família do Assistente Eclesiástico da Cúria de Porto Alegre, com quem trabalhara na Ação Católica e que, posteriormente, viria a ser Arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Colling.

De 1941 a 1942 Profª Zilah foi professora de Educação Física no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, em São Leopoldo.

De 1943 a 1946 foi professora no Grupo Escolar Venezuela, em Porto Alegre.

De 1947 a 1956 lecionou Filosofia no Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. O “Julinho” era, à época, o colégio-padrão do estado. Ela narra que quando foi tomar posse, o diretor perguntou o que ela iria lecionar. Quando ela disse que lecionava Filosofia, o então diretor, Dr. Abílio Azambuja, olhou-a de “cima a baixo”, numa alusão não-verbal à sua baixa estatura e ar de juventude e exclamou “**a senhora!?**”,³ ao que ela respondeu: “por incrível que pareça, Dr. Abílio”. No Júlio de Castilhos ela lecionou adultos no turno da noite, de onde saía às 23 horas. Ao jornalista ela faz uma referência ao desafio de prender a atenção do aluno para o estudo de Filosofia àquela hora. Não temos dúvida, no entanto, de que ela o conseguia!

De 1947 a 1962 lecionou Filosofia no Colégio Sévigné, em Porto Alegre.

Daquela data, até 1981, foi professora de Filosofia na Faculdade de Serviço Social da PUCRS, também nesta capital.

Educação

De 1969 a 1981 foi professora de Filosofia da Cultura na Faculdade de Filosofia da UFRGS e de História da Filosofia e de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da PUCRS.

As atividades de administração em educação tiveram início quando a Prof^a Zilah já auferira sólida experiência docente, tanto no ensino primário, como no ensino médio e no ensino superior. Por esta razão, podemos entender quando ela mesma declara:

“A docência é fundamental. Todo o professor deve iniciar sua vida profissional na sala de aula. Esta é a grande experiência. Momento em que (o professor) se põe a serviço de algo em que acreditou e, por isso, se fez professor. O contato com o aluno é uma das experiências mais gratificantes que se pode ter na vida. Para administrar uma escola (o professor) tem que, antes, ter vivenciado a sala de aula.”

Prof^a Zilah Mattos Totta foi diretora do Grupo Escolar Paula Soares, em Porto Alegre, de 1956 a 1962. Também em 1956 foi fundadora do Colégio Estadual Pio XII, sediado junto ao Grupo Escolar Paula Soares. No Pio XII, onde trabalhou até 1962, criou a Classe Experimental no Ensino Secundário.

Em 1963 foi Secretária de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, cargo em que permaneceu por menos de um ano. Foi afastada desse cargo por pressão de políticos, desde que ela não admitia interferência de ordem política na pasta que dirigia.

Deixemos que a própria educadora narre:

“Tive muitas dificuldades, inclusive políticas, muito grandes. Na primeira entrevista que dei como Secretária, afirmei: meu compromisso é com a educação, não com a política (partidária). Isto, naturalmente, criou um mal-estar e me criou dificuldades. Sai (da Secretaria) não por vontade do Governador, mas por imposição política, depois de um grande trabalho que estávamos tentando fazer com uma equipe de excelentes técnicos que convidei para trabalhar na Secretaria. Mas eu acho que valeu, valeu como experiência, valeu como alerta para as coisas que devem e que não devem ser feitas em educação. Eu recebi contribuições muito valiosas, muito valiosas mesmo. Não sei se pelo fato de eu ser professora que saiu do meio do professorado para ir para a Secretaria, o que foi um ato de coragem do Governador...”

Sobre como ocorreu o convite para titular da pasta Educação e Cultura no Estado narra a professora:

Ele o (Governador) nada me disse. Ele me chamou e pediu para eu fazer um Plano de Educação para o Estado. Eu reuni um grupo de

peçoas que eu considerava capacitadas e fizemos esse plano. Quando eu fui apresentar o plano para ele, que estava constituindo o governo, ele disse: é a senhora quem vai executar esse plano. Foi o maior susto que eu levei, mas aceitei. E, não me arrependo, mesmo dos momentos mais difíceis.

Em 1964 a professora Zilah fundou, com mais três educadores – Lilia Rodrigues Alves, Leda Falcão de Freitas e Frederico Lamachia Filho – o Instituto Educacional João XXIII, escola modelar, em Porto Alegre, tendo integrado o Colegiado de Direção daquela escola, até 1973.

Sobre a fundação desse conceituado educandário cabe conhecer a narrativa da Prof^a Zilah:

“Eu estava no meu gabinete (da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul) e recebi um processo para assinar, com o qual eu não estava de acordo. O que ali se propunha feria princípios fundamentais da educação. Eu bati na mesa, irritada, e falei: é por estas e outras que não vou morrer sem criar uma escola. Aí eu acho que houve uma grande influência de minha mãe. Eu fui alfabetizada em casa, até a 3ª série, quando entrei no Colégio Sévigné; minha mãe tinha uma escolinha em casa, onde ela ensinava meus primos, meus irmãos, mas nós tínhamos um regime de escola. Acho que isto ficou muito gravado em mim. Quando eu disse aquilo me reporteí ao meu tempo de infância. Aí o professor Lamachia, que era meu assessor e estava comigo na sala, ao ouvir isto disse que esta também era a intenção dele.

Então, no dia em que deixamos a Secretaria, saímos à procura de uma casa. Tivemos sorte que um irmão do prof. Lamachia cedeu uma casa de sua propriedade onde nós começamos a nossa escola com 115 alunos. Hoje, são mais de 2.000 alunos. Um dos objetivos era fundar uma escola com a participação dos pais, professores, alunos e funcionários, de tal forma que quando se matriculava o aluno nós ‘matriculávamos’ também os pais. Os pais assumiram de tal forma que criaram uma escola infantil em uma casa próxima. Depois, compramos um terreno e construímos a escola onde hoje ela se encontra.”

A narrativa continua e é importante conhecê-la porque, a seguir, ela explicita seu pensamento sobre uma educação alicerçada em quatro pilares básicos que, segundo a narrativa da Prof^a Leda, uma das fundadoras do João XXIII, professora Zilah adotou como elementos basilares da educação para nortear o trabalho na escola, a saber: liberdade, solidariedade, trabalho, responsabilidade. No Correio do Povo de 24 de dezembro de 1997, a Direção

do Colégio João XXIII publica uma “Homenagem da Comunidade do Colégio João XXIII” pelo passamento da Profª Zilah, na qual podemos perceber que essas quatro dimensões eram a expressão da coerência entre teoria e prática que caracterizavam a homenageada. Diz a matéria: *“Liberdade, solidariedade, trabalho, responsabilidade, conceitos básicos em que se fundamenta o Colégio João XXIII, não foram simples palavras na vida de Zilah Totta, foram a sua própria vida”*.

Mas, deixemos profª Zilah continuar...

“Criamos uma escola comunitária, sem fins lucrativos. Hoje, ela é uma fundação mantida pelos pais, que assumiram de tal forma a vida comunitária da escola, onde professor, funcionário, aluno têm vez, que eles chegaram à conclusão de que a escola realmente tinha que ser mantida por eles.

Sempre disse que nós tínhamos que fazer uma grande escola e, não uma escola grande, mas ela teve uma enorme repercussão, foi crescendo, crescendo e dificilmente se conseguia evitar seu crescimento. Quando saí, em 1973, não havia esse número de alunos que há hoje (1992, mais de 2.000 alunos), mas já estava muito grande. A meu ver, a escola cresceu muito. Precisaria parar um pouco para manter (a qualidade) porque não é fácil, não é fácil esse trabalho.

A gente tem que se dispor a até um certo despojamento, muitas vezes, para poder entrar em contato com as coisas da vida da comunidade, como também a comunidade tem que ceder em muitas coisas.

Visamos justamente a isso porque havia um divórcio entre a escola e a família, tanto assim que quando eu era diretora do Paula Soares e fiz um convite para os pais, uma criança da 4ª série me perguntou: o que eu fiz para a senhora mandar chamar meu pai? Porque só se chamava o pai ou a mãe para fazer queixa. Com isto é que quisemos acabar no João XXIII e, por isso, fizemos um trabalho de comunidade.”

A procura de uma escola “diferente” para os filhos é relatada por Geneci que, com seu marido, Milton, foram presidentes do Conselho de Pais, no João XXIII:

“Por volta do ano de 1979, já com dois filhos em idade escolar, 4 e 5 anos, procurávamos uma escola em que pudessemos matriculá-los a fim de que prosseguissem seus estudos. Nos informamos e pesquisamos (em diversas escolas) os diferentes métodos de ensino. (Optamos pelo João XIII), pois já conhecíamos de longa data a

história promissora da professora Zilah Totta e sua equipe. Fomos ao 'Joãozinho' para uma entrevista com a professora Lilian (uma das fundadoras) e, na época, diretora do Instituto. Saímos de lá matriculados, filhos e pais.” (Geneci Guimarães de Oliveira).

A vida nessa escola “diferente”, muito à frente de seu tempo, é registrada pelo relato de Geneci:

“A comunidade do João XXIII não se restringia em só freqüentar aulas para adquirir conhecimentos; professores, alunos e pais respiravam participação coletiva, lembrando a orientação da UNESCO, no relatório da Reunião Internacional sobre Educação para o Século XXI que apresenta as quatro grandes necessidades de aprendizagem dos cidadãos para o próximo milênio, às quais a educação deve responder: 'aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser'; vimos que estas questões além de discutidas com a comunidade escolar eram vivenciadas plenamente, já nos anos 80, por meio de seminários, palestras, projetos artísticos e culturais, que iam desde a realização de feiras do livro, grupos de teatro, apresentações de música, até à assistência às comunidades carentes, através do SECOM – Serviços Comunitários. O SECOM, dirigido por pais, contava com a efetiva participação dos alunos, incentivados pelos professores, e desenvolvia a solidariedade, o compartilhar, e o fundamental, que é o respeito ao outro e a responsabilidade social.

Muitos fatos marcaram nossa experiência nesta escola diferente onde, mesmo nos finais de semana, encontrávamos sempre um motivo para estarmos junto dela, fazendo churrasco em churrasqueiras improvisadas com um grupo de pais e alunos, enquanto outro grupo desenvolvia atividades esportivas. São gratas recordações de um longo período, onde todos nós estávamos num processo de aprendizagem, de conhecimento, de respeito ao trabalho desenvolvido por um competente corpo de professores, que antes de querer somente transmitir conteúdos obrigatórios, tinham a consciência de que a formação plena do ser humano dependia dos valores que lhes fossem transmitidos desde a mais tenra idade e que esse processo não pode se dar isoladamente. Desta forma, a escola não pode ser a única responsável pela educação de uma criança, mas sim oportunizar para que a família faça parte deste processo.” (Geneci Guimarães de Oliveira).

O relacionamento dos pais com a escola, portanto, não poderia ser diferente...

“Durante todo o período em que atuamos no Instituto Educacional João XXIII, ocupando ou não algum cargo no Conselho de Pais, sempre houve um intenso diálogo entre pais, professores e alunos, procurando aprimorar e discutir todo e qualquer assunto que se relacionasse com a educação de nossas crianças. Todos tinham vez e voz. Desta integração e da constante busca de aprimoramento e melhoria das relações família-escola desenvolvia-se o pensamento crítico, muitas vezes através de peças teatrais representadas por pais, alunos e professores.

A sala da Diretora Geral do Instituto era como nossa casa, não era necessário marcar entrevistas, um atendimento direto e franco. Os pais eram vistos como aliados deste processo educativo e portanto sua presença na escola era sempre bem-vinda. A presença dos pais na escola não significava para os filhos algo de temeroso ou ameaçador e, sim, mais um agente no seu processo de crescimento intelectual, social e afetivo... e, nós, inúmeras vezes, aprendíamos junto com nossos filhos, estabelecendo novas possibilidades de diálogo.” (Geneci Guimarães de Oliveira).

O que permanece...

“Hoje, muitas vezes, encontramos pais, professores e alunos que fizeram parte dessa história e todos falam do João XXIII com muito carinho... Exercemos plena e conscientemente os princípios de liberdade, respeito, responsabilidade e solidariedade. Esperamos, com esta narrativa, contribuir para que não se apague de nossas memórias: que foi possível fazer uma escola diferente, onde o idealismo e desprendimento destes heróis da educação, Lamachia, Leda, Lilian e o conhecimento e entusiasmo de uma ‘Professorinha’ chamada Zilah Totta tornaram um sonho realidade, pela qual todos ‘aprendemos a ser’.” (Geneci Guimarães de Oliveira).

Sobre a liderança e atuação da Prof^a Zilah, na criação e condução do João XXIII, destacamos, dentre inúmeras referências, a da Prof^a Esther Pillar Grossi: *“O Instituto Educacional João XXIII nasceu de ideais, teus e de outros, de uma educação de qualidade democrática, pela qual todos pudessem aceder ao direito do conhecimento (1997)”*.

Prof^a Zilah foi membro do Conselho Administrativo da Fundação Padre Landell de Moura – FEPLAM, de rádio e televisão educativa, desde a fundação, no ano de 1996, vindo, nos últimos anos, a integrar o Conselho Diretor dessa instituição.

Em 1973 fundou e dirigiu o Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR, da PUCRS. Sobre essa atividade destacamos o depoimento de uma colaboradora da Prof^a Zilah no CELAR:

Educação

“A Prefeitura de Porto Alegre, através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – dirigida, então, pelo sr. Frederico Lamacchia – buscou criar, em convênio com a PUCRS, um órgão de caráter técnico e científico que visava a educar para o lazer, pesquisar e difundir esse fenômeno, formar profissionais para a área. Assim, os Centros Comunitários e Esportivos do Município passaram a ser coordenados, orientados e dirigidos pelo CELAR-PUCRS e mantidos financeiramente pela Prefeitura. O CELAR selecionava os alunos e os especializava através do Curso de Especialização em Lazer e Recreação, em nível de Pós-Graduação. Buscávamos conscientizar cada aluno de que só ele era senhor de seu próprio desenvolvimento cultural e humano, tornando-se, assim, responsável por sua história pessoal e pela história da comunidade social em que se achava inserido. O CELAR vivia em seu labor pedagógico uma filosofia existencial humanista que entende o ser humano como um ser datado e situado em suas relações consigo mesmo, com o mundo, os outros seres humanos e o Transcendente. Um ser em contínuo processo de fazer-se. No âmbito da Sociologia, tínhamos um mentor, o Professor Joffre Dumazedier, professor em Lazer, na Sorbonne. Seu livro ‘Sociologie empirique du loisir – critique et contre-critique de la Civilization du Loisir’ (1974), em muito nos ajudou, além de três Seminários que coordenou na PUCRS.” (Liz Cintra Rolim).

A partir de 1976 foi Assessora Técnica da Confederação de Professores do Brasil. Nessa qualidade, coordenou congressos nacionais, encontros, simpósios, seminários estaduais, bem como proferiu conferências, palestras e integrou painéis como debatedora.

De 1978 até 1980 foi Coordenadora da Comissão de Educação do Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul – CEPERS.

Em 1980 foi indicada pela Confederação de Professores do Brasil para a Coordenação Geral do Projeto de Capacitação de Recursos Humanos, que se desenvolvia em todos os estados brasileiros, denominado, a partir de 1983, de Projeto Professora Thereza Noronha, em homenagem póstuma àquela educadora que foi a idealizadora do projeto.

De 24 de abril de 1981 a 24 de abril de 1984 foi presidente do CEPERS, órgão de classe do qual foi fundadora. Na qualidade de presidente desse organismo da classe do Magistério Prof^a Zilah comandou duas greves, as maiores que o professorado já fez e, antes, tinha sido do comando de greve das duas primeiras realizadas pelo Magistério, no estado. Comentando sobre a greve a Prof^a diz: *“A greve não é o único recurso, é o último para o professor se fazer ouvir”*. Durante a gestão da Prof^a Zilah na presidência do CEPERS, entre outras conquistas, o Magistério ganhou a possibilidade de aposentadoria

aos 25 anos e um piso salarial para cálculo dos salários para os diferentes níveis da carreira. Na presidência dessa entidade contribuiu para a maior participação dos professores no órgão de classe, através da interiorização por meio da criação de núcleos do CEPERS no interior do estado. É reconhecida a combatividade da Prof^ª Zilah no que se refere à valorização do Magistério pelos governantes e pela sociedade em geral.

Em 1986 foi eleita pelo Conselho Geral do CEPERS para representar a entidade no Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul – CEEed, para o qual foi nomeada como Conselheira pelo Governo do Estado, conforme ato constante no Boletim nº 256, publicado no Diário Oficial do Estado no dia 27 de maio de 1986.

Ao assumir essa nova função de sua vida pública, ela destaca a importância da participação de um membro do Magistério no Conselho. *“Esta participação é uma forma de levar a voz e o voto dos professores para as grandes decisões que envolvem o sistema educacional do Estado”* e, na mesma ocasião, salienta que *“o fato de o CEPERS manter um representante junto ao CEEed é significativo, considerando-se os princípios democráticos que alicerçam a entidade de classe. Nessa trajetória o CEPERS vem procurando desenvolver a consciência crítica em seus associados como profissionais da educação, dos quais não se usurpam direitos e se espera, se exige, competência”* (Discurso de posse como Conselheira do CEEed).

Como já referido, Prof^ª Zilah realizou muitas viagens de estudo e para participar em congressos. Esteve em países da América Latina, da América do Norte, da Europa, da Ásia e da África. Dessas atividades cabe destacar: realizou viagem aos Estados Unidos da América do Norte para observar o Sistema de Ensino Norte-Americano, em 1958; de dezembro de 1961 a março de 1962 permaneceu na Europa fazendo visita de observação ao Sistema de Ensino de diversos países; de setembro de 1964 a janeiro de 1965 realizou visita de observação ao Sistema Educacional Europeu a convite dos Consulados Britânico e Espanhol e da Aliança Francesa, como hóspede oficial dos governos britânico, francês e espanhol; em 1969 estagiou no Colégio de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, mantido pela Fundação Getúlio Vargas; em 1972 participou, na qualidade de representante do Brasil, no Seminário sobre Comunidade Educacional na América Latina, realizado em Bogotá, Colômbia, onde a professora Zilah foi convidada para relatar a experiência pioneira do Colégio João XXIII enquanto educandário de natureza comunitária; em 1977 participou, na qualidade de delegada da Confederação dos Professores do Brasil, da XXVI Assembléia de Delegados da Confederação Mundial das Organizações de Profissionais do Ensino – CMOPE, em Lagos, Nigéria, África; em 1982 participou, como representante da Confederação de Professores do

Educação

Brasil, do Simpósio Internacional sobre Educação em Favor do Desarmamento, em Hiroshima, Japão. Além desses, foram inúmeros os eventos de que Profª Zilah participou, tanto localmente, como em âmbito nacional e internacional, quer para apresentar a experiência do João XXIII, quer para apresentar a experiência, igualmente pioneira, do CELAR, quer, ainda, como representante da categoria profissional que abraçou e que tão maravilhosamente honrou e defendeu.

Profª Zilah, por todo o mérito de seu trabalho e de seu valor pessoal recebeu incontáveis homenagens públicas, tanto em vida, como póstumas. Dessas, destacam-se:

- 1977 – Título de Educador Emérito, concedido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul;
- 1983 – Professora Emérita, pelo pioneirismo, homenagem da Associação de Diplomados Universitários do Rio Grande do Sul e da Associação dos Técnicos em Educação do Rio Grande do Sul;
- 1985 – Título de Professor Emérito, outorgado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS;
- 1987 – Medalha do Mérito Educacional, outorgada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre;
- 1988 – Título Cidadã Destaque de 1988, conferido pela Associação Portoalegrense de Cidadãs;
- 1991 – Medalha Cidade de Porto Alegre, conferida pela Prefeitura de Porto Alegre, por relevantes serviços prestados à comunidade;
- 1994 – Prêmio de Educação Thereza Noronha, concedido pela Câmara Municipal de Porto Alegre.
- 1998 – Criação em Santa Maria, Rio Grande do Sul, do Centro Estadual de Ensino Supletivo “Professora Zilah Mattos Totta”, pelo Decreto do Governo do Estado do Rio Grande do Sul nº 38.196, de 17 de fevereiro de 1998. Do ofício da Secretária de Educação noticiando à família essa homenagem consta:

“Com esse ato, pretende o senhor Governador homenagear aquela que deixou seu nome gravado no coração de cada um dos gaúchos pelo exemplo e dedicação à causa educacional. A professora Zilah escreveu sua própria história, não se contentando em apenas ler a história dos outros. Legou a todos que se interessam pelas causas sociais, especialmente a educação, a consciência de que é preciso lutar obstinadamente em favor da melhor formação para os nossos jovens.”

Educação

2000 – É conferida à Rua “9” do Bairro Protásio Alves, em Porto Alegre, a denominação de Rua Professora Zilah Totta. A cerimônia de descerramento da placa indicativa ocorreu no dia 21 de outubro de 2000.

O reconhecimento de entidades públicas não foi a única forma de reconhecimento auferido pela Prof^a Zilah. Dado seu temperamento alegre e comunicativo, a sinceridade com que pautava suas relações, tanto no âmbito de trabalho, como em sua vida particular, sua competência e empenho em tudo o que realizava, sua brilhante inteligência, foi, sempre, estimada, respeitada e considerada por todos os que com ela conviveram e que lhe demonstravam objetivamente esse sentimento.

Isto fica fortemente evidenciado nas narrativas de familiares, amigos, colegas e alunos.⁴ Fica, igualmente, evidenciado em excertos de narrativas e documentos que reproduzimos a seguir:

“A professora Zilah foi uma educadora consciente de sua missão e soube lutar até o fim de sua vida por ela. Era uma mulher capaz de sonhar e de ser fiel a seus sonhos. Tinha uma visão humanista, muito parecida com a do Ir. José Otão, pelo entendimento que tinha do Belo, da Arte, do relacionamento humano.” (Liz Cintra Rolim, amiga e colaboradora no CELAR).

“Quando a conheci, numa reunião de diretores, ela me chamou a atenção não só pela cultura em termos de educação, mas como personalidade; mostrava que era uma pessoa que quando queria as coisas ela realizava e eu acho que em termos de educação ela fez o máximo, e tanto, que eu sinto que ela não tenha sido indicada, hoje, como uma das personalidades do século, porque ela realmente foi uma personalidade. Quanto mais eu convivía com ela, mais a admirava; os procedimentos dela em termos de educação se encaixavam com o pensamento dela. As palavras dela traduziam o que ela realizava.” (Leda Falcão de Freitas, amiga e fundadora, com a Prof^a Zilah, do Colégio João XXIII).

“Eu adorava a Zilah. Era uma pessoa inteligentíssima, interessante, muito modesta. A grande qualidade da Zilah que eu mais observava era que ela sempre estava bem em qualquer situação: ela se dava bem com todos, podia ser um mendigo, podia ser uma alta personalidade, ela sempre guardava aquela naturalidade, ela sempre estava à altura das pessoas. Estudamos toda a vida, no Sévigné, estudamos juntas. Zilá sempre foi uma aluna brilhante; às vésperas dos exames nós (um grupo de colegas) íamos à casa da Zilah para estudar com ela toda a matéria. Havia até fatos engraçados. A irmã Alexandra passava, para analisarmos, os versos de Camões,

Educação

naquele tempo era obrigado Camões. A Zilah era um crânio. Aquelas estrofes ela analisava que era uma coisa maravilhosa! Às vezes eu copiava da Zilah e a freira dava dez para ela e dois ou três para mim. Eu não podia reclamar, pois a freira sabia que eu tinha copiado da Zilah porque eu não tinha capacidade para fazer o que a Zilah fazia.” (Nêmore, prima, amiga e colega).

“Como nos jardins de Burle Marx, Zilah é planta nativa enraizada no canteiro do magistério gaúcho, com ele em harmonia e nele se destacando pela forma, colorido e perfume de sua personalidade. Ali brotou, cresce e se cultiva, cultivando e fecundando com sua vida e trabalho os que com ela convivem e partilham a história. E, para além de nossas fronteiras, junto aos movimentos, encontros e organizações nacionais e internacionais do magistério, tem ela levado o que de mais autêntico, peculiar e universal o que o Rio Grande do Sul significa no campo educacional. Se, particularmente nos últimos vinte anos, lhe tem sido dada a dimensão de notícia a partir do fato de ter sido a primeira mulher e professora a ocupar o cargo de Secretária de Educação no Estado e exercer atualmente a presidência do CEPERS, não é só a isso, certamente, que se deve o prestígio e a afetuosa popularidade que a cercam. É que estes, como numerosos outros cargos por ela desempenhados, nunca foram meros episódios de uma carreira bem-sucedida ou, muito menos, alimentada por favoritismos de qualquer natureza. Têm sido, isto sim, um novo momento, uma nova dimensão, um novo desafio, um apelo ao arrojo do afrontamento que requer a liderança de quem não busca satisfazer interesses pessoais, mas é capaz de tornar pessoais os interesses da educação e, em razão desta, de uma categoria como a do magistério.” (Amiga e conselheira da Prof^a Zilah, Prof^a Lúcia Castillo, 1984).

“Zilah, tua liderança vigorosa e tua capacidade de organizar, aglutinar e operacionalizar grupos há de ficar conosco, sobretudo quando explicitamos sua importância essencial no ensino e na aprendizagem, não só na gestão educacional, mas no coração da sala de aula... O teu mérito maior é de teres sido uma professora na mais perfeita acepção do termo – a professora que gostava de ensinar, de estar em sala de aula, a professora que gostava de aluno e, por isso, o tinhas como centro de tuas múltiplas atenções.” (Esther Grossi, 1997).

“O magistério público gaúcho ficou órfão de uma de suas maiores lideranças. No início da madrugada de ontem, morreu a educadora Zilah Totta, aos 80 anos... Todos lembram como principal característica de Zilah a preocupação com a valorização do magistério e a dedicação integral à causa do ensino.” (Zero Hora, Obituário, 1997).

Educação

“Para nós, da Comunidade do João XXIII, a “tia Zilah” foi um exemplo vivo do que almejamos em um educador: forte, batalhadora, apaixonada pelas causas que envolviam o ensino e, acima de tudo, com muita coragem para enfrentar desafios. O Colégio João XXIII agradece à tia Zilah pelos ensinamentos que permanecem vivos nessa obra ... como uma ode às liberdades de pensamento e manifestação.” (Direção do Colégio João XXIII, 1997).

“Ela se dedicou de corpo e alma ao trabalho. Não tinha hora para nada. Para almoçar, chegava na hora que pudesse. À noite, ficava até altas horas, batendo máquina. Ela trabalhava muito à noite. Então, parecia que sua criatividade aumentava.” (Helena Totta Silveira).

“Desde os primeiros passos literalmente “cavalgados” sobre o lombo de um cavalo ao encontro dos aluninhos da escola primária interiorana à professora de Educação Física na capital, à professora de Filosofia das aulas noturnas do “Julinho”, à militante e presidente da juventude feminina da Ação Católica, à diretora do Colégio Paula Soares, à diretora do ginásio Pio XXII, à professora universitária, à Secretária de Educação, à fundadora do Instituto Educacional João XXIII, à diretora do CELAR, à participante dos grupos nacionais e internacionais de estudo, à presidente do CEPERS, sem guardar de uma tríplice formação superior abstrações sofisticadas por enxertos exóticos, Zilah se vem dizendo numa trajetória de ações concretamente situadas, num permanente testemunho de fé e autenticidade. Exigindo de si mesma, até quase a obsessão, a coerência entre as próprias convicções e o comportamento na ação, só se empenha naquilo em que acredita e ela crê, por ideal e experiência, no valor da educação humanista e integral.” (Lúcia Castillo, 1984).

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Essas características, todas, significam elementos observáveis da identidade de educadora apaixonada e coerente que professora Zilah soube construir e que a constituíram como pessoa e como profissional. Acreditamos que para essa construção influenciaram sobremaneira a mãe, também ela uma educadora, o pai e as irmãs, pois:

“A Zilah foi uma pessoa sempre voltada à educação; o ideal dela era o contato com o aluno, era a sala de aula, que era a segunda casa dela e onde se sentia bem. Nós todas somos professoras, nós mulheres, por influência da mamãe que sempre foi uma educadora, que gostava muito de nós e que nos ajudava muito.” (Helena Totta Silveira).

Este entendimento pode ser o da própria professora Zilah. Quando se reportava ao momento em que decidiu fundar uma escola diferente, ela destacou:

“Aí eu acho que houve uma grande influência de minha mãe. Eu fui alfabetizada em casa, até a 3ª série, quando entrei no Colégio Sévigné, alfabetizada pela minha mãe que tinha uma escolinha em casa, onde ela ensinava meus primos, meus irmãos, mas nós tínhamos um regime de escola. Acho que isto ficou muito gravado em mim.”

A irmã da Profª Zilah, sobre essa questão lembra que:

“Eu acompanhei muito a Zilah em suas atividades profissionais e nas escolas que ela fundou. Ela foi muito apoiada e era o orgulho, vamos dizer assim, da família. Então, os pais e os irmãos girávamos em torno da sua figura. Sempre, todos os seus trabalhos, em tudo o que ela fazia, a gente participava e estimulava. Meu pai gostava muito de escrever, colaborava com o Correio do Povo. Então, de todas as atividades da Zilah ele dava umas notícias, pois tinha muito orgulho.”
(Helena Totta Silveira).

A influência dos estudos no Sévigné – uma escola formadora de professoras – desde a 3ª série do Primário até o término do Curso Complementar, certamente também se fez presente como importante ingrediente nessa formação identitária pessoal e profissional. Dessa época conta a formação do Grupo X, de colegas e amigas que cursaram juntas os estudos e continuam se encontrando e mantendo a amizade por mais de 50 anos, inclusive na atualidade. Conforme consta da narrativa da Nêmora, anteriormente descrita, desde aquela época Profª Zilah já cultivava seus dotes de liderança e de prestação de auxílio para a busca de conhecimentos por parte das colegas, auxiliando-as nos estudos. Em adição, as três Licenciaturas que cursou e as oportunidades de formação continuada de que usufruiu, também foram aspectos construtores de identidade, especialmente pelas oportunidades de convivência com mestres da estirpe do Dr. Armando Câmara, Dr. Ernani Maria Fiori e Ir. José Otão, na formação acadêmica, como ela própria declara, mas também nas oportunidades de contatos na ordem do informal, com Paulo Freire, de quem foi amiga, conforme consta em registros. A prática religiosa igualmente contribuiu nesse sentido.

Da mesma forma, teve o apoio e a influência de amigos e amigas, em especial:

“O que marcou muito a vida da Zilah foi a morte da Teresa Noronha de Carvalho, elas eram muito amigas, pessoas assim, que sintonzavam, e ela deu muito apoio à Zilah. Era um apoio tremendo, nessa época do CEPERS, tudo isso, pela experiência, pela vivência da

Teresa Noronha. Isto aí eu até gostaria que constasse no trabalho, porque eu tenho certeza de que a Zilah iria gostar disso, que se dissesse da influência e do que representou na vida dela, a Teresa. A Lúcia Castillo, também foi uma pessoa amiga de cabeceira da Zilah, até a hora da morte. O que ela nos ajudou, participando, era conselheira e confidente da Zilah, foi uma pessoa marcante em sua vida desde o tempo de Ação Católica. Ela teve várias pessoas que marcaram como companheiras, ela soube sempre fazer excelentes amizades, nunca esteve só. Sempre se cercou de um círculo de amizades enorme e onde ela passava ela deixava um grupo já formado.” (Helena Totta Silveira).

A vida da professora Zilah Totta não se resumiu somente ao trabalho, muito embora a presença constante e marcante dessa instância em todos os momentos de sua História de Vida, como podemos perceber pelo até então exposto. Sua vida afetiva é plena de significado, afetividade, essa, que extrapolava para o ambiente de trabalho, para o trato com alunos, colegas e pais, mediante uma atuação plena da amorosidade. Professora Zilah, de conformidade com as narrativas da irmã e de toda a sorte de pessoas que com ela conviveram, trabalharam e estudaram, foi um ser que amava a vida, uma pessoa alegre e muito feliz. Sua vida pessoal, assim como a profissional, foi eivada de convivência carinhosa e alegre. Como qualquer jovem gostava de passear e freqüentava festas, isso sem contar com os saraus artísticos que na própria casa se realizavam. Gostava e participava de Carnavais. Como qualquer jovem, teve namorado, amou e foi amada.

“Zilah gostava de bailes, de festas, dançava muito bem. No tempo de estudante, ah! não perdia festas e bailes. Naquele tempo havia aqueles carnavais, com aqueles carros abertos (com fantasias...). Moramos, por muito tempo, onde hoje é o Supermercado Nacional, na Rua José de Alencar; ali havia um campo de futebol do Esporte Clube Porto Alegre e ao lado ficava a nossa casa. Ali foi a nossa infância. Nossa casa era o centro de reuniões dos amigos. Como eu falei, fazíamos aqueles saraus, do que a Zilah sempre gostava. Gostava de Carnaval, quando faziam aqueles Corsos, com as amigas todas em cima dos carros, na frente, fantasiadas. Naquele tempo, o Carnaval era bem familiar e os desfiles correspondiam aos clubes das sociedades. Ela tinha uma alegria de viver, sabes? Seus aniversários! Era uma coisa impressionante, o que ela convidava de amigos. Ela tinha imenso prazer de receber e fazer aquelas reuniões. Quando completou 70 anos, ela estava hospitalizada, foi numa das vezes que ela teve um problema. Precisavas ver o que foi a

comemoração no quarto do hospital: visita, visita, visita, presentes, a cama dela ficou alta... Então ela se realizava, pois adorava essa convivência. Estava sempre cercada de amigos. Quando era professora de Educação Física, participava das colônias de férias, em Torres, com os alunos. Ali já fazia uma reunião com os professores, já voltava com eles amigos. Eu tenho a impressão de que Zilah sempre foi uma pessoa feliz, por que soube captar amizades.” (Helena Totta Silveira).

O que mais dizer sobre essa destacada educadora? Tudo o que dissermos certamente longe estará de representar toda a riqueza de sua vida, todo o brilhantismo de seu pensamento, toda a coerência de sua ação.⁵ A História de Vida da professora Zilah Totta é o valioso legado para todo o cidadão, todo o educador e, em especial, para todo o professor que se encontra em formação. É uma das páginas mais ricas da História da Educação rio-grandense. Resta-nos, parafrasear os dizeres da faixa sempre colocada nas assembleias da categoria e que resumia o sentimento dos professores do Estado do Rio Grande do Sul: “ZILAH, OBRIGADO POR EXISTIRES E SERES QUEM TU ÉS”.

EXCERTOS DO PENSAMENTO DA PROFESSORA ZILAH MATTOS TOTTA

(da entrevista para o programa de televisão ZOOM, 1992)

Professor.

Todo o professor deve iniciar sua vida profissional na sala de aula. Esta é a grande experiência. É o momento em que se põe a serviço de algo em que acreditou e, por isso, se fez professor. O contato com o aluno é uma das experiências mais gratificantes que se pode ter na vida.

O professor para administrar uma escola tem que, antes, ter vivenciado a sala de aula. Acho fundamental que todo o professor inicie sua experiência pela sala de aula. Fico preocupada quando sei que alguém que está na administração de uma escola não esteve em sala de aula. Esta é a minha experiência e eu começaria dessa forma novamente se eu pudesse.

Valorização do professor.

O professor é um profissional, o fato de ele não ser tratado como tal é o que o desencanta. O professor deve ser tratado como um profissional, não como um sacerdote. A palavra sacerdócio foi, por muito tempo, sustentada em termos de educação, de professor, o que não se pode aceitar. Não tenho nada contra o sacerdote, ao contrário, sou muito religiosa. Hoje, sabemos a luta que o professor está enfrentando e ele tem motivos de sobra para estar desencantado.

Aluta do professorado.

Há todo um trabalho que, aliás, estou muito empenhada nele. Trabalho ainda no CEPERS com um grupo de aposentados e, sempre que posso, procuro incentivar o professor. Ainda, há pouco, tivemos uma grande assembléia da categoria,⁶ com quase 10.000 pessoas, quando a gente sentiu que o magistério ainda vibra, vibra mesmo, com as grandes causas. Eu achei, realmente, que era a hora de prestar meu testemunho. Eu estava ali porque senti que a hora era grave e que nós temos que chegar a uma decisão. E, esta decisão vem pela vontade da categoria.

Relacionamento Magistério/Governo.

Os conflitos com o governo eram muito sérios. É hora para que cessem os confrontos. Nós já sofremos muito e nós temos que transformar essa situação e chegar a decisões conjuntas.

Greve.

O professor tem que ser visto como um profissional. Desde que tomamos consciência de que isto não estava acontecendo, lançamos mão do último recurso. Não quero dizer que a greve seja o único, mas é o último recurso. Fui comando de greve em quatro ocasiões, inclusive na primeira greve, em 1979, e em duas delas na presidência do CEPERS. Causei até escândalo para muita gente, como se eu fosse uma pessoa que não tivesse o dever de lutar pelo direito da categoria. Se eu me fiz professora é porque acredito no professor.

Imaginário social sobre a escola.

Criou-se, em torno da escola pública, uma visão muito negativa por causa dos períodos de greve; dificilmente a comunidade aceita a greve porque ela interfere na vida familiar. A gente entende. Mas, por outro lado, não se pode deixar de entender que o professor está tão mal atendido, tão pouco ouvido, que ele tem que recorrer.

Relacionamento escola/pais.

A comunidade está, hoje, aceitando melhor (a greve) graças ao excelente trabalho da Associação de Pais e Mestres. Acho que eles estão fazendo um trabalho muito bom, muito bonito. Tem havido um empenho para que o trabalho na escola seja participativo. Antes, tínhamos que suplicar aos pais para virem à escola. Havia um divórcio entre a escola e a família. O pai, ou a mãe, eram chamados à escola somente para receber queixa do filho. Isso se conseguiu superar e se está fazendo um trabalho mais participativo. Foi o que me levou a criar uma escola, foi isso, para fazer um trabalho de integração com a comunidade.

Relacionamento professor/aluno.

Esse relacionamento que parece estar um pouco distante é reflexo da crise que estamos vivendo e da própria situação do professor. O professor, hoje, está sofrendo tanto que parece que ele já não tem mais élan. Sempre estímulo o professor...dias melhores virão, vamos trabalhar para isso. Foi o que eu disse na Assembléia. Creio que a crise influi no relacionamento. Não quero dizer que o professor, hoje, não queira bem os alunos. Absolutamente. Mas, é claro que seu estado psicológico de desânimo tem que refletir em seu trabalho. O aluno, também. Os alunos, hoje, estão enfrentando uma crise muito grande.

Crise.

Eu só tenho 74 anos. Nos meus 74 anos não me lembro de ter vivido crise igual. Crise em todos os sentidos. Crise moral, crise política, crise econômica, então nem se fala! Crise do saber. Corrupção. A corrupção, hoje, é um fato inegável, lamentavelmente. E, isso se reflete no professor e na criança. Eu fico pensando, qual é o futuro de nossas crianças? Que mundo nós estamos preparando? E isso eu digo aos professores quando eu converso com eles, quando faço palestras. Nós temos que pensar que estamos preparando um mundo difícil. A criança vai encontrar um mundo completamente desencantado e cabe a nós trabalharmos para sua transformação. Não é por nada que somos professores.

Positividade da Crise.

O Júlio de Castilhos sempre foi uma escola que ponteou todos os movimentos. Eu acho que isso é sadio. Mesmo, porque eu sou partidária da seguinte opinião: crise tem seu lado positivo. Se bem trabalhada ela leva a um amadurecimento. E, nós estamos, hoje, vivendo um momento de crise. É muito sério este momento e é por isso que eu “não penduro a chuteira”. Tenho a pretensão de dizer isto porque sempre sou chamada para alguma coisa. Eu tenho sido muito solicitada. Tenho sido muito solicitada para palestras e trabalhos, até para um trabalho na Secretaria Municipal de Educação. Estou participando a convite da Secretária em uma experiência em avaliação.

Aprendizagem e Avaliação.

Acho válida a não-reprovação.⁷ Acho válida se for em um sistema como a Esther⁸ está implantando. É um sistema em que o aluno realmente trabalha muito, participa muito. O ensino ocorre a partir dele. É baseado no construtivismo. Acho que, dentro de um campo experimental, esse tipo de avaliação é importante, porque a avaliação, como simples aferição de conhecimentos, não é uma avaliação. Avaliação, realizada nestes termos, é uma sabatina, como se dizia antigamente. A aprovação não é independente de conhecimento. O aluno

é avaliado como um todo. E é isso que eu acho importante, ele não é avaliado só pelo que ele conhece, pelo que ele recebeu, mas, também, pelo que ele é, pelo que ele traz, inclusive do ambiente sociofamiliar, pelas suas experiências de vida, positivas ou negativas. Ele tem a oportunidade de ser avaliado dentro de uma visão global. No passado só se aferia conhecimentos.

Falhas na aprendizagem.

Eu concordo que está havendo uma situação muito negativa, haja vista as redações no Vestibular. São desastrosas. Não se pode negar isso. Eu penso que, hoje, o conhecimento não é apreendido suficientemente. O que influi para isso é a crise. Não é porque o professor tenha deixado de ser bom professor. Eu defendo o professor. Na realidade, dizem minhas colegas que hoje estão (exercendo docência) na universidade, que está muito difícil ensinar, hoje. Mas, eu continuo dizendo que o aluno é consequência de um momento crítico, de desequilíbrio social em que ele não pode deixar de estar inserido. E, isso, tem que se refletir na aprendizagem e, também, no ensino. O professor também é gente, temos que convir. Ele sofre, também, essa influência.

Escola pública.

Essa grande preocupação que está havendo, hoje, de retomar a escola, de reabilitar, inclusive, a escola pública que está sendo muito condenada. Eu sou uma defensora da escola pública. Eu acho que a escola pública, claro, em outras condições, é a grande alavanca de formação para o mundo da realidade em que o aluno vive, embora eu tenha criado uma escola particular, mas que era uma escola comunitária sem fins lucrativos.

Para ser educador...

Eu acho que precisa coragem e muita sinceridade. Acredito que sem sinceridade não se pode conviver. Eu me pergunto se não é isso que está faltando, muitas vezes, entre as pessoas, no convívio, no trabalho, para que haja menos conflitos, entrechoques. Acho que precisa haver um pouco mais de crença na educação, que é o que está faltando.

EXCERTOS...

(do discurso como paraninfa em formatura de uma turma de normalistas, no Colégio Sévigné, de Porto Alegre)

Viver.

Viver é dar à inteligência o objeto que ela exige: a posse da Verdade, do Absoluto; é dar à vontade a conquista do Bem, sem mesclas de relativismos e

restrições, mas do Bem integral, do Bem que é a própria essência da vida, com suas solicitações, com seus encantos e, porque não dizer, com suas horas de heroísmo, de abnegação e talvez, mesmo, de heroísmo.

Existência humana.

Poderia ser definida como um contínuo peregrinar em busca da felicidade, em busca da libertação. Outra razão não há que justifique o perpassar eloquente de séculos de pesquisa na Ciência, de séculos e séculos de investigação que, no mundo do pensamento evidenciam o desejo irreprimível da curiosidade filosófica. Recorramos à História e ela, na autenticidade reveladora de suas narrativas, confirmará, quer através da História da Filosofia, quer através da História da Civilização, essa busca de libertação que caracterizou o homem das civilizações primitivas, o homem esteta da civilização grega, o homem medieval acalentado pela inconfundível certeza da Mensagem Evangélica e o homem da era moderna, emaranhado na trama confusa de um racionalismo ou de um cientificismo, em que a inversão de valores constituiu o apanágio de suas doutrinas e caracteriza, ainda, o inquieto e apressado homem do século XX, século da Luz, em que o progresso da Ciência, da Técnica e a preocupação pela Filosofia da Existência vem provar que não é possível ao homem viver sem realizar, e realizar para libertar-se.

Ser livre.

... para ser livre é mister, antes de mais nada, viver em função de uma autonomia espiritual, capaz de equilibrar os anseios de uma natureza que muito quer, porque muito recebeu, que muito aspira, porque, reconhecendo em sua contingência a própria expressão de sua grandeza, quer suprir o que lhe falta pela única possibilidade que leal e plenamente reconhece: a posse do Absoluto.

Valor da liberdade.

Negada que fosse ao homem esta possibilidade de realização (ser livre), mergulharia ele no caos e no desengano de uma vida vazia de sentido, estreita nos seus horizontes, árida e decepcionadora, porque frustrados estariam os anseios de uma natureza eminentemente construtiva, porque racional, empreendedora, porque inteligente, sequiosa de liberdade, porque dotada de um potencial inesgotável de valorização atraída pelo Infinito.

Teoria da Ciência: objetividade/subjetividade na construção de conhecimento.

Não seja esta contemplação (das idéias) uma estagnação, uma taraxia do espírito, mas uma construção, uma descoberta da natureza profunda da

realidade para que, dentro da objetividade, vosso espírito aprenda a julgar e a conhecer, unindo, assim, num maravilhoso binômio, a intuição, arma poderosa do espírito feminino, e a razão, garantia da clarividência e do bom senso.

Natureza: objeto e fonte de conhecimento.

... a natureza se oferece ao conhecimento de todos os homens; vem a eles e presta-se a sua curiosidade. Ao literato e ao artista entremostra os seus encantos; ao cientista, os traços de sua face, mas ao filósofo é que ela, por assim dizer, abre o coração de seu ser.

Filosofia: cultivo da verdade, do saber e da fé.

Pela Filosofia fugireis ao que é superficial e efêmero para vos fixar no que é perene, desde que saibais assegurar à vossa inteligência o equilíbrio de sua plenitude harmoniosa, pelo cultivo de uma Filosofia em que não se exclua o sentido eterno da Verdade, o sentido universal do Saber e o auxílio indispensável da luz da Fé que a própria contingência humana reclama.

Filosofia de vida: (dar à vida) todo o seu sentido e toda a sua valorização.

REFERÊNCIAS

CASTILLO, L. Zilah Totta. Apenas e tudo isso. **Zero Hora**, Porto Alegre, 4 maio 1984.

DIREÇÃO DO COLÉGIO JOÃO XXIII. Homenagem da Comunidade do Colégio João XXIII à Professora Zilah Totta. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 24 dez. 1997.

Gente. **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 jul. 1972.

GROSSI, E. P. Zilah Totta – uma professora. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 dez. 1997.

OBITUÁRIO. Magistério gaúcho perde sua grande líder. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 dez. 1997.

TOTTA, Z. M. Entrevista ao jornalista Fernando Vieira. **Programa Zoom**, Porto Alegre, 1992.

_____. Curriculum Vitae. (dat).

_____. Queridas Afilhadas... Minhas Amigas. Discurso como Parainfante. Colégio Sévigné. Porto Alegre: 1960 (dat).

URBIM, C. A grande líder dos professores gaúchos. In: URBIM, C. (Coord.). **Rio Grande do Sul, um Século de História (424-425)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

¹ Para tanto, nos utilizamos de: narrativas por pessoas-fonte, documentos, fotos, artigos em jornal, entrevista gravada em VHS para o jornalista Fernando Vieira no Programa Zoom, Biografia escrita por Carlos Urbim no livro Rio Grande do Sul – Um Século de História, com o título “ A Grande Líder dos professores Gaúchos?”. Agradecemos as narrativas de: Helena Totta Silveira, irmã da Prof^a Zilah e que, além disso, tão amavelmente nos cedeu vasto material de consulta; Leda Falcão de Freitas, fundadora do Instituto Educacional João XXIII, juntamente com a Prof^a Zilah; Geneci Guimarães de Oliveira que, com o marido Milton Oliveira, exerceu a Presidência do Conselho de Pais no Instituto Educacional João XXIII; Nêmora Lubisco Graeff, prima da Prof^a Zilah e uma das fundadoras com ela do Grupo X; Liz Cintra Rolim, à época supervisora de estágio e orientadora de trabalhos de alunos no CELAR, hoje integrante de Centro de Pesquisa na USP; Zélia Maria Farenzena, professora na PUCRS, ex-aluna da Prof^a Zilah na universidade, na cadeira de Filosofia; Dulce Helena Cabral Hatzemberger, professora na PUCRS e ex-aluna do Colégio João XXIII. Agradecemos, igualmente, à Doutoranda Dulce Helena Cabral Hatzemberger que realizou a entrevista com a Prof^a Leda Falcão de Freitas e à Mestranda Rita Tatiana Cardoso Erbs, que realizou a entrevista com a senhora Nêmora.

² Todas as citações, quer em discurso direto, quer em discurso indireto, atribuídas à Prof^a Zilah, quando não indicada outra fonte, são extraídas de entrevista, gravada em fita VHS, por ela concedida, em 1992, aos 75 anos de idade, ao jornalista Fernando Vieira, para o programa ZOOM, de televisão.

³ O negrito, e, nesse caso, além disso, a letra em tamanho maior, representa entonação mais forte da voz da narradora, significando ênfase na narrativa.

⁴ Acharmos oportuno reproduzir na íntegra, ao final, as declarações de duas alunas sobre Prof^a Zilah. Uma, no curso superior e, outra, no Colégio João XXIII, para não mutilarmos o pensamento de duas representantes do segmento na escola que foi alvo da maior paixão da professora Zilah, ligado à profissão que abraçou, freireanamente, com tanta amorosidade.

⁵ Deixemos, no entanto, que ela própria nos diga. Nos diga o que pensa sobre a sociedade, no momento (1992, na já aludida entrevista para o Programa Zoom), as implicações para a educação, a atuação dos professores, aprendizagem e avaliação, a valorização do magistério, verdade, liberdade, Filosofia, construção do conhecimento, etc., para que fique registrado – o que faremos em anexo – como uma forma de resguardar seu pensamento, do modo como ela se expressava, para a posteridade.

⁶ Refere-se à Assembléia Geral de Professores, realizada em 1992, com dez mil participantes, quando a Prof^a Zilah, já com a saúde delicada, “levantou” a assembléia com sua fala de fê na força do Magistério, ocasião em que foi aplaudida em pé pela totalidade dos presentes. Nessa ocasião, representantes do poder público estavam tentando desacreditar o movimento e as reivindicações do magistério público gaúcho, argumentando que os professores estavam sendo manipulados pelo CEPERS. A participação da Prof^a Zilah, certamente não sem esforço, naquele momento, não deixou dúvidas sobre a legitimidade daquele ato.

⁷ Certamente, em virtude de pensar desse modo é que a Prof^a Zilah introduziu, no João XXIII, em 1959 o currículo integrado e, a partir de 1967, a reestruturação curricular, com continuidade de estudos, sem interrupção, em todos os níveis, desde o Pré-primário ao Ginásio, em seis etapas de dois anos letivos cada, desenvolvidas em regime integral nas duas últimas. Igualmente, em 1967 os professores dos diferentes níveis de ensino foram integrados em comissões de estudo por área curricular. (Fonte: Gente. **Zero Hora**, 10 jul. 1972. Essa experiência pioneira e avançada para a época adiantou-se à LDB e à implantação generalizada da escola por ciclos na rede municipal de ensino de Porto Alegre em 29 anos!

⁸ Prof^a Esther Pillar Grossi, à época Secretária Municipal de Educação, do município de Porto Alegre.